

A Prefeitura de Belo Horizonte, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, apresenta:

# Tecendo *troças*

Primeiro Seminário  
Mineiro de Pole Dance

EDIÇÃO 2022



# Ficha técnica

## IDEALIZAÇÃO

Débora Mozelli e Taís Daher

## REDAÇÃO E EDIÇÃO

Débora Mozelli

## REVISÃO

Tamira Marinho

## PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Amí Comunicação e Design

## ENTREVISTADES

Drea Costa, Grazi Meyer, Rose Corrêa, Gil Sant'anna, Liliane Varanda, Lu Senra, Thomás Martinoia, Giulia Api, Eli Nunes, Wes Marx, Bianca Deleite, Lala Teles e Stela Novaes.

ESTA PUBLICAÇÃO FOI REALIZADA COM RECURSOS DA  
LEI MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA DE BELO HORIZONTE.

APOIO:

*Projeto*  
**1040/2020**  
CLASSIFICAÇÃO  
INDICATIVA:  
**18 ANOS**

seminário  
**mineiro**  
de pole  
dance



REALIZAÇÃO:

PROJETO REALIZADO PELA  
SOCIEDADE CIVIL COM  
RECURSOS ORIUNDOS DA  
**POLÍTICA DE FOMENTO À  
CULTURA MUNICIPAL**

INCENTIVO:

**LMIC**  
LEI MUNICIPAL DE  
INCENTIVO À CULTURA

CULTURA



**PREFEITURA  
BELO HORIZONTE**

TRABALHANDO POR UMA cidade + feliz

Foto: Luíza Palhares





O pole dance brasileiro vem mudando dia após dia. Em poucos anos a modalidade cresceu, ganhou novos territórios, estilos, formas, cores e inúmeras criações. A gente fica com a impressão de que essas mudanças são tão rápidas que nem sempre conseguimos assimilar tudo.

Durante a pandemia, observamos também uma série de iniciativas de diálogo sendo criadas. Surgiram grupos de Whatsapp discutindo os desafios da quarentena. Diversas lives sobre temas relacionados ao pole dance foram feitas. **A informação circulou e muita gente pôde crescer com essa mobilização.**

Pensando nesses dois movimentos – a constância das mudanças e as novas conexões que se estabelecem – é que decidimos criar o *Seminário Mineiro de Pole Dance*, cuja primeira edição foi realizada em 2022. O evento, que aconteceu em paralelo ao *Festival Mineiro de Pole Dance*, promoveu cinco oficinas virtuais, seis presenciais e três debates no YouTube. Toda a programação foi gratuita, acessível em Libras, ocupando a cidade de Belo Horizonte de forma descentralizada. O projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte e contou com a participação de

grandes nomes da modalidade de diversos lugares do Brasil. Para que **os conhecimentos compartilhados durante o Seminário pudessem continuar sendo multiplicados**, decidimos criar esta publicação. Nas redes sociais, nossas plataformas de praxe, também compartilhamos essas trocas, mas de maneira efêmera. A ideia da publicação nasce do desejo não só de compartilhar, mas de registrar todas as transformações culturais e artísticas que estamos presenciando no universo do pole. **É uma movimentação bonita demais, precisa ficar na memória.**

Esperamos que gostem!  
Boa leitura!

*Débora Mozelli e Taís Daher*



3

sum  
ário

pró  
xima

an  
te  
rior



# Sumário

- **Corpo e Performatividade:  
*Narrativas Plurais*** **5**
- **Mercado Criativo:  
*Empreendendo no Pole Dance*** **22**
- **Gênero, Sensualidade e Criação:  
*Caminhos Possíveis*** **39**
- **Tecendo mais trocas:  
*pole dance, arte, cultura e política.*** **52**



# Corpo e Performatividade: *Narrativas Plurais*

Debate com Rose Corrêa, Drea Costa e Gil Sant'anna.  
Mediação: Grazi Meyer



sum  
ário



próx  
ima



ante  
rior



O primeiro debate do Seminário abriu a programação com um tema que atravessa vários profissionais do meio: a representatividade de corpos no pole dance. A nossa mediadora, Grazi Meyer, sócia-proprietária do estúdio Maravilhosas Corpo de Baile, iniciou a conversa com uma pequena provocação.

Para Grazi, o pole dance foi peça fundamental para que ela percebesse o próprio corpo e suas potências, para além de sua forma. Contudo, ao participar de eventos e outras atividades do meio, estranhou ser rotulada



como “a performer fora do padrão que está ocupando um lugar de destaque”. Ela recebeu esses comentários com estranheza, pois não se define como alguém fora do padrão: é uma mulher branca de classe média alta, nem gorda nem magra, na faixa dos 40 anos. De acordo com Grazi, esse tipo de percepção distorcida é reflexo de uma modalidade pouco diversa e elitizada, cujos estúdios estão localizados em regiões centrais das cidades, o que muitas vezes contribui para a exclusão de vários recortes sociais.

Sobre esse assunto, tivemos também uma contribuição importante de Rose Corrêa, artista circense, performer de pole dance, sócia-proprietária do Noar Studio e integrante do coletivo Afrontosas. Rose possui muitos anos de carreira artística e é considerada um dos grandes nomes do pole dance nacional, sendo premiada em diversos eventos. Ela é uma das integrantes da mesa de debate e participou do Seminário Mineiro de Pole Dance também comoicineira.

Rose afirma que, enquanto mulher negra, também se percebe como uma *corpa* dissonante. “O palco é uma forma de falar sobre minhas dores, de falar sobre como me sinto invisibilizada, inferiorizada, apagada. É uma maneira de dizer que eu existo,

6

sum  
ário

pró  
xima

ante  
rior



de não me deixar passar despercebida. O corpo forte, flexível e acrobata é só uma forma de levar o enredo que eu gostaria que as pessoas conhecessem. Eu preciso estar ali. Ali é onde eu levo a potência da mulher negra, periférica, mãe.”

Também sobre a perspectiva da presença de pessoas negras no cenário do pole, o dançarino Gil Sant’anna traz uma reflexão interessante para o debate. Segundo ele, o balé, de origem europeia, é uma das principais referências da modalidade. “O clássico é uma dança que procura o divino, procura a leveza, ir para cima. Já a capoeira e a dança afro procuram o chão, a terra. Então se eu vou participar de um campeonato de pole e quero fazer uma pegada que não é aquela linha do balé, preciso que a pessoa que está me julgando entenda isso, compreenda esse corpo. A gente precisa entender que existem outros pontos de vista na dança, não só a visão europeia.”

Ainda sobre a perspectiva da diversidade, tivemos a contribuição de Drea Costa, instrutora de pole dance e ativista gorda. Em sua participação na mesa de debate, ela contou um pouco sobre sua experiência na dança desde a infância nos anos 90, época em que a pressão estética era ainda maior do que nos dias atuais.

*“O clássico é uma dança que procura o divino, procura a leveza, ir para cima”. Já a capoeira e a dança afro procuram o chão, a terra. Então se eu vou participar de um campeonato de pole e quero fazer uma pegada que não é aquela linha do balé, preciso que a pessoa que está me julgando entenda isso, compreenda esse corpo. A gente precisa entender que existem outros pontos de vista na dança, não só a visão europeia”.*

**Gil Sant’anna**



sum  
ário




próx  
ima



ante  
rior





*“O palco é uma forma de falar sobre minhas dores, de falar como me sinto invisibilizada, inferiorizada, apagada. É uma maneira de dizer que eu existo, de não me deixar passar despercebida. O corpo forte, flexível e acrobata é só uma forma de levar o enredo que eu gostaria que as pessoas conhecessem. Eu preciso estar ali. Ali é onde eu levo a potência da mulher negra, periférica, mãe”.*

Rose Corrêa

Foto: Lima Mintz

8

sumário

próxima

anterior



*“As pessoas querem se ver nos espaços. Eu sempre falo isso como empresária. Estamos acostumados a entender a diversidade como carência, como necessidade, porque a gente vive num país desigual. Mas existem muitas pessoas excluídas dos espaços que querem comprar, querem consumir, mas que não se enxergam nos lugares. Então cabe a nós educar o nosso olhar para todas as belezas.”*

Grazi Meyer

Drea afirma preferir o estilo de pole conhecido como “piranha rasteira” (pole dance sensual no plano baixo). Em suas redes sociais, ao postar vídeos dançando esse estilo, ela conta que já recebeu diversos comentários maldosos dizendo “não sobe na barra porque não vai aguentar”, ou “estou só esperando você subir na barra e começar a fazer pole dance”. Para Drea, é curioso o fato de que apenas o corpo gordo seja questionado nesse sentido. “Você vê várias pessoas incríveis e magras que fazem o low flow e não são questionadas por adotarem esse estilo.” Ela completa dizendo que força e flexibilidade também são atributos muito valorizados no pole em detrimento de outros, como expressividade e musicalidade.

Sobre a diversidade de corpos, Gil Sant’anna levanta uma discussão relacionando o tema às performances sensuais. Para ele, a visão de sensualidade abordada hoje em dia no universo do pole dance é ainda restrita. Gil acredita que ainda cabem mais visões sobre o que é ser sensual. “É muito difícil a gente fechar, tornar produto e segmentar o que é sensual, pois sua essência envolve o desejo e esse desejo está sempre em relação ao que é interessante para cada um. No pole, a conversa sobre sensualidade tem um gradiente ainda muito fechado.”

9

sum  
ário

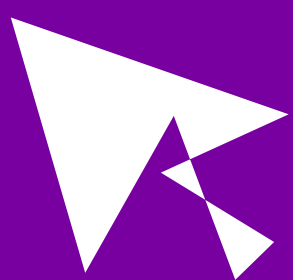
pró  
xima

ante  
rior



A respeito da questão levantada pelo Gil, sobre as sensualidades que não se enquadram no clichê, a mediadora Grazi Meyer completa: “eu acho que a sensualidade tem a ver com estar muito confortável na sua própria pele”. Nesse sentido, ela afirma que adotar uma visão mais subjetiva sobre a sensualidade pode contribuir para o crescimento das escolas de pole dance. “As pessoas querem se ver nos espaços. Eu sempre falo isso como empresária. Estamos acostumados a entender a diversidade como carência, como necessidade, porque a gente vive num país desigual. Mas existem muitas pessoas excluídas dos espaços que querem comprar, querem consumir, mas que não se enxergam nos lugares. Então cabe a nós educar o nosso olhar para todas as belezas.”

**Corpo e Performatividade: Narrativas Plurais** abordou diversos outros pontos interessantes sobre o pole dance. Para assistir ao debate na íntegra, acesse [nosso canal do YouTube](#). Você também confere nas próximas páginas entrevistas com os participantes da mesa.



10



sumário



próxima



anterior





ENTREVISTA

## *Gil Sant'anna*

**Como você avalia o debate sobre racismo no universo do pole dance? Quais avanços e problemas ainda existem nesse sentido?**

O debate é notoriamente crescente, dado que partiu do zero há poucos anos e agora existe algum. Quando a gente fala “debate sobre racismo”, precisamos falar sobre estruturas de poder. Porque é disto que se trata: poder. É um debate sobre a formação e o funcionamento da sociedade brasileira, e não apenas um amontoado de condutas individuais. No Brasil, o racismo é uma estrutura socioeconômica que condiciona negros e negras aos piores indicadores sociais. Ao trazer isso para o pole, que é só um recorte da nossa sociedade, percebemos que menos negros e negras fazem pole dance. Também notamos uma hiper valorização dos estilos brancos de dança, que são vistos como sendo “corretos” e “limpos” em detrimento de outras movimentações consideradas “sujas”.





Uma dificuldade disso nasce do fato do pole ser um estilo de dança de “meio”. Ou seja, é um meio que faz a ligação entre outros estilos de dança à barra vertical. Idealmente, o estilo balé deveria ser avaliado pelo ponto de vista do balé, enquanto o estilo de danças africanas ser avaliado pelo ponto de vista de danças africanas, e assim por diante. Mas não é isso que vemos hoje em dia. O pole privilegia a uma classe e uma cultura específica, que em nossa sociedade é a branca.

**Seu trabalho está relacionado ao contexto social e político em que vivemos? Se sim, como você vê essa relação?**

Totalmente. O contexto social que estamos vivendo é de isolamento social, instabilidade política e aceleração da quarta revolução industrial. A gente percebe o crescimento de posições políticas extremistas, o crescimento nos casos de genocídio em favelas (comunidades majoritariamente habitadas por negros) e o aumento exacerbado da desigualdade social. A taxa de suicídio aumentou em 28% durante a pandemia, sendo a população de jovens negros a que mais cometeu suicídio. Nesse contexto, menos pretos e pretas podem fazer atividades como o pole dance.

*“No Brasil, o racismo é uma estrutura socioeconômica que condiciona negros e negras aos piores indicadores sociais. Ao trazer isso para o pole, que é só um recorte da nossa sociedade, percebemos que menos negros e negras fazem pole dance. Também notamos uma hipervalorização dos estilos brancos de dança, que são vistos como sendo “corretos” e “limpos” em detrimento de outras movimentações consideradas “sujas”.*

Gil Sant’anna

12



sum  
ário



pró  
xima



ante  
rior



## Quais temas estão relacionados ao seu trabalho artístico?

Minhas pesquisas enquanto artista e minhas apresentações são atravessadas sempre por alguma questão que estou com dificuldade de entender no momento. Os principais temas investigados por mim foram suicídio do homem negro, as artes da cultura negra (capoeira, danças de matriz africana, etc.), além das influências europeias no pole dance (balé, dança contemporânea, etc.).

## Quais suas principais referências para a criação artística?

Para o suicídio do homem negro as principais referências são as obras do psiquiatra Franz Fanon, principalmente seu livro “Peles Negras, Máscaras Brancas” - sobre o qual fiz

uma performance no Mineiro e no Rio Pole Fest. Importante citar também os artigos da socióloga Dawne Mouzon.

Para outras temáticas, usei os trabalhos do meu amigo de infância Maxwell Alexandre (hoje renomado artista plástico com o tema “Pardo é Papel”), além dos trabalhos de outros amigos de infância que estão fazendo o mesmo na música: Iza, Johnatan Ferr, Pedro Bonn, Muse Maya, Youn e Ebony.

Do ponto de vista da dança no pole, a artista que mais me marcou é a Yvonne Smink pela sua capacidade de expressar sentimentos dolorosos no pole.

13

sumário

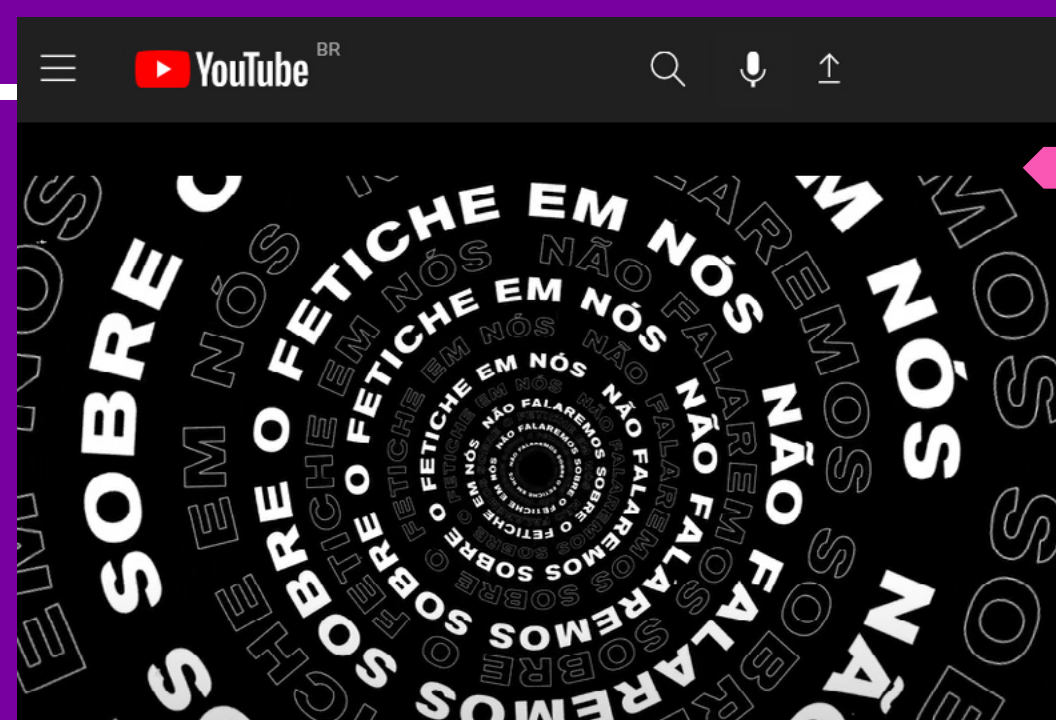
próxima

anterior

para saber mais

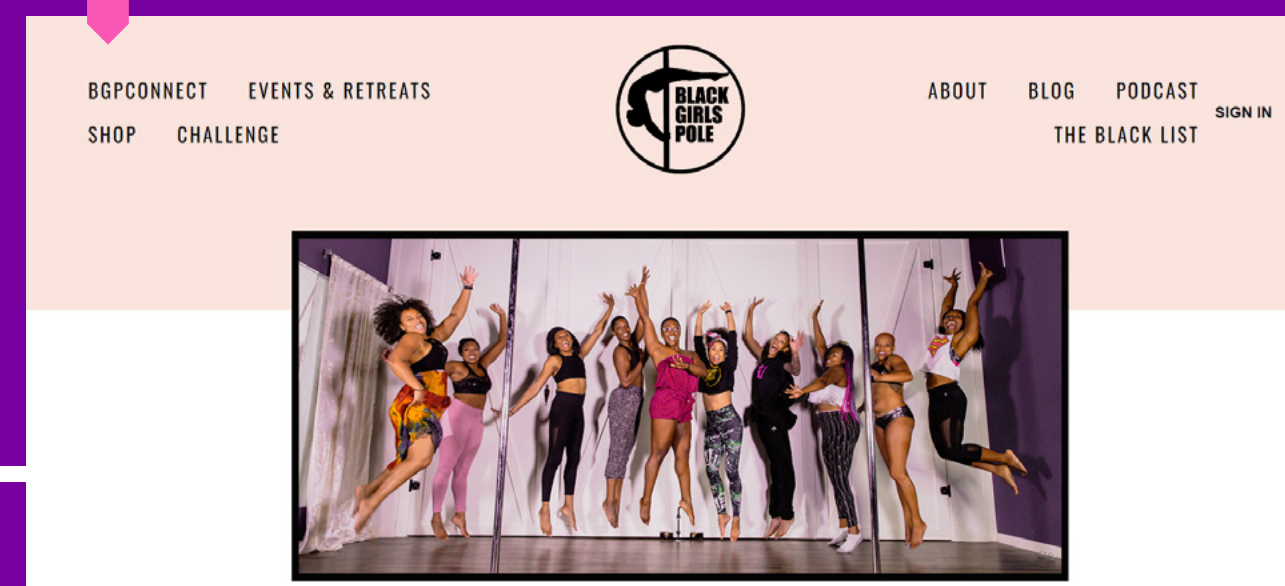


“Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!” de Frantz Fanon



YouTube: Full Performance

Conheça: Black Girls Pole







ENTREVISTA

## Grazi Meyer

### Quais questões atravessam o seu trabalho enquanto artista?

Nesse momento, o que mais me inquieta e move como artista é a busca pelo extraordinário, pelo super-humano em corpos aparentemente cotidianos. É descobrir e encontrar o que no meu corpo pode ser único e potente ao mesmo tempo em que possa ser algo com que a maioria das pessoas, e não só uma pequena parcela dentro de um recorte muito específico, consiga se identificar. Que corpos “comuns”, que fujam do modelo atlético tido como padrão para atletas ou artistas do corpo, possam se enxergar como possíveis, como interessantes e cheios de possibilidades, assim como o meu. Eu tenho muita vontade de me comunicar e nesse momento sinto que meu corpo é a maior plataforma para isso. Quero abrir essa porta para que outros corpos se sintam potentes também.

### Quais estratégias de inclusão você adota no seu trabalho enquanto professora?

Eu tento sempre observar o que as pessoas já trazem, as disponibilidades e facilidades que os corpos já apresentam.

124



sum  
ário



pró  
xima



ante  
rior



Sempre tem. Tento incentivar *alunes* a celebrar e a investir nos talentos e habilidades que já têm e não só no que é desafiador. Tão importante quanto superar obstáculos é celebrar o que temos de bom. Tento mostrar que fazer algo com facilidade não é um problema, é uma vantagem. E construo minhas aulas pensando nisso: no que vai ser fácil e gostoso além do que pode ser desafiador. Também tento deixar claro que não existe um jeito único de entender o movimento. É importante executar as coisas com segurança, preservar o corpo para não se machucar. Mas o jeito certo de fazer um movimento, ou executar uma coreografia, é o jeito que é mais confortável pro corpo e pra mente de quem está fazendo. E é isso que a gente deveria estar buscando e não um padrão único e asséptico de movimentação.

**Como você avalia o debate sobre inclusão de corpos no universo do pole dance? Quais avanços e problemas ainda existem nesse sentido?**

Acho que é um debate bem inicial ainda, apesar de muito necessário. Eu sinto que a ideia de inclusão dos corpos ainda funciona muito mais no discurso do que na prática. E é muito pautada pelo comércio. Percebo que a discussão se encerra em adequar o discurso para o que o mercado

está cobrando agora, para estar de acordo com o que os possíveis clientes de estúdios querem ouvir e ver.

Eu sempre me questiono o quanto a nossa “bolha” é absurdamente excludente quando penso que eu, mulher branca, cis, hétero, de classe média alta, nascida no sul do país, sou considerada fora do padrão porque não sou super magra, por ter um corpo curvilíneo. No “mundo real” eu sou só uma mina muito gostosa, sofro zero questões quanto a isso. No mundo do pole dance eu sou um exemplo de superação! Isso me parece muito louco e me faz pensar que estamos ainda muito distantes de atingir um ponto de equilíbrio.

*O jeito certo de fazer um movimento ou executar uma coreografia é o jeito que é mais confortável pro corpo e pra mente de quem está fazendo. E é isso que a gente deveria estar buscando – e não um padrão único e asséptico de movimentação.*

Grazi Meyer

15



sum  
ário



próx  
ima



ante  
rior





ENTREVISTA

## Rose Corrêa

### Quais inquietações pessoais se relacionam ao seu trabalho artístico?

Meu trabalho enquanto artista preta sempre foi atravessado pela minha vivência. Ainda é difícil ver corpos pretos conquistando lugares de destaque e com reconhecimento no universo artístico. Vivemos na utopia de uma narrativa que afirma que todos somos iguais, mas nossos corpos pretos são marginalizados, discriminados e invisibilizados o tempo inteiro. Meu corpo é movimento, o que eu trago nas minhas performances são muito mais que apresentações e sim uma forma de gritar, de não mais me calar, de levar minha ancestralidade, minha luta. O palco é o espaço em que posso dar o meu recado para a sociedade. É doloroso demais ter nossa voz e corpos usados, descartados, explorados e nunca valorizados. Mesmo que você seja uma preta que se enquadre em uma régua branca, nos padrões aceitáveis, não é suficiente. Você terá que provar e trabalhar mil vezes mais para ter seu trabalho valorizado.

### Quais as principais referências para o seu trabalho artístico?

Elza Soares, Nina Simone e tantas outras atrizes e cantoras pretas que inspiram. No universo circense, no qual comecei a carreira,

16



sum  
ário



pró  
xima



ante  
rior



minhas referências nunca foram mulheres pretas, até porque não se via artistas pretas em lugares de destaque. No pole dance, que iniciei mais recentemente, já consigo ter mais referências de artistas pretas nacionais e internacionais.

### Quais estratégias de inclusão você adota no seu trabalho enquanto professora?

Eu comecei meu trabalho como artista participando de projeto social. Sei a importância do meu papel como multiplicadora e facilitadora para que outras mulheres pretas e de baixa renda possam ter acesso às possibilidades que tive. Ofereço bolsas no meu estúdio com intuito de incluir pessoas em vulnerabilidade social, dando oportunidades para ingressar no universo da arte. Como a flexibilidade, tema da sua oficina no Seminário, relaciona-se ao contexto atual das artes do corpo? A minha oficina de flexibilidade busca contribuir com a expressão corporal, proporcionando a criação de novos movimentos individuais. O treino de flexibilidade também colabora com o incremento da qualidade de vida. Durante a oficina, pretendo possibilitar aos praticantes o desenvolvimento do corpo de forma ampla.

*Ainda é difícil ver corpos pretos conquistando lugares de destaque e com reconhecimento no universo artístico. Vivemos na utopia de uma narrativa que afirma que todos somos iguais, mas nossos corpos pretos são marginalizados, discriminados e invisibilizados o tempo inteiro.*

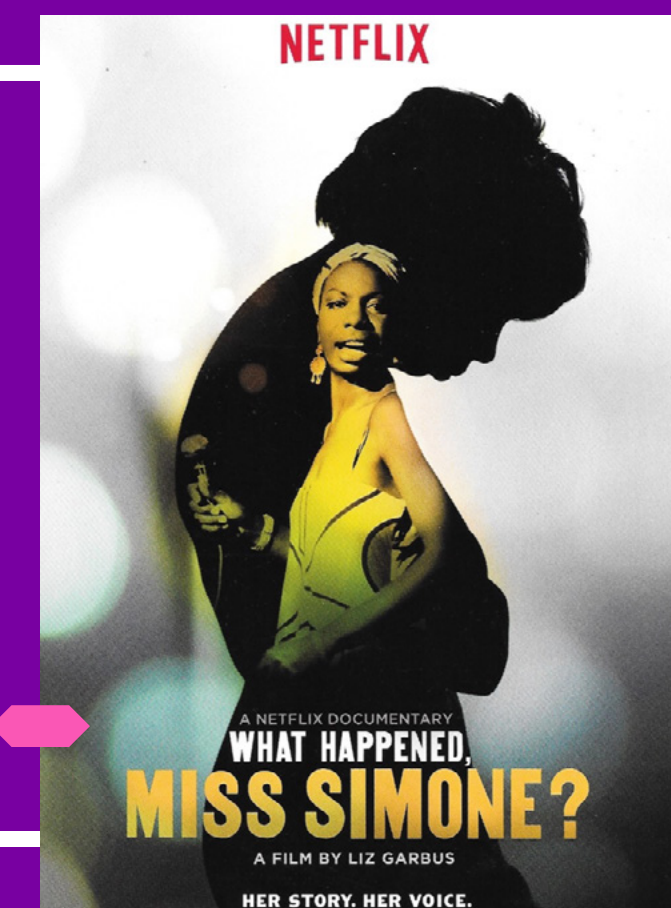
Rose Corrêa

### para saber mais



Vênus Negra

What Happened, Miss Simone?



12



sumário



próxima



anterior





ENTREVISTA

## Drea Costa

### Quais temas atravessam o seu trabalho de criação?

Sou uma mulher gorda que já teve muitas experiências relacionadas ao machismo, pressão estética e gordofobia. Por isso, escolhi usar esses processos vividos como combustível para minhas performances. Espero, quem sabe, inspirar e incentivar outras pessoas como eu.

### E como educadora?

Quando criança e adolescente eu fiz aulas de danças como balé, jazz e sapateado. Na adolescência e início da fase adulta, pratiquei atividades como musculação e ginástica. Em todos esses ambientes meu corpo gordo era visto como inadequado, algo a ser combatido por meio da atividade. Isso gerava uma pressão, além de uma total desconexão minha com as atividades. Além disso, toda a minha vivência social foi perpassada pela pressão estética. A gordofobia fez com que eu acreditasse que meu corpo não era capaz nem digno de amor e respeito. Sei que várias pessoas têm outras

18

sum  
ário

pró  
xima

ante  
rior



experiências extremamente opressoras em suas vidas, seja com gordofobia, racismo, capacitismo, homofobia, transfobia. Meu objetivo como educadora é mudar, mesmo que aos poucos, essa visão. Quero que *minhas alunes* se sintam bem, *acolhidas*, sintam que possam ocupar todo e qualquer espaço, pois é direito de *todes*.

### **Quais estratégias de inclusão você adota no seu trabalho enquanto professora?**

Ao planejar minhas aulas sempre penso em possibilidades de adaptações ou alternativas no caso de algum *alune* ainda não conseguir executar o movimento. Também busco identificar quais são as facilidades e características positivas de cada *alune*. Muitas vezes, focamos mais nas nossas dificuldades e não enxergamos coisas que fazemos bem. Tento lembrar sempre que as aulas fazem parte de um processo, que devemos evitar comparações e curtir a jornada.

### **Como você avalia o debate sobre inclusão de corpos não atléticos no universo do pole dance? Quais avanços e problemas ainda existem nesse sentido?**

Primeiro acho que deveríamos pensar em quais corpos estamos pensando quando nos referimos a corpos não

atléticos. O que caracteriza isso? Teoricamente, um corpo atlético é um corpo que pratica algum tipo de atividade, independentemente de seu formato, peso ou sexo. No entanto, sabemos a que tipos de corpos nos referimos: corpos magros ou com musculatura aparente. Esse debate ainda é muito incipiente e focado em alguns indivíduos. Percebo que ainda não há uma preocupação verdadeiramente coletiva a respeito da inclusão de corpos não padronizados no universo do pole. Existem iniciativas muito pontuais e quase sempre realizadas pelas mesmas pessoas, ainda em escala insuficiente para uma mudança mais ampla. Hoje em dia, por exemplo, ainda temos fabricantes de barra de pole que colocam um limite de peso nas barras (100-120kg), mesmo sabendo que as barras resistem a pesos muito superiores. Temos estúdios e professores que focam a prática como um meio para perda de peso, contribuindo para a exclusão de corpos gordos, visto que eles só deveriam estar ali como corpos provisórios, incompletos, em estado de mudança e “melhoria”. Temos eventos que não se preocupam em promover uma pluralidade maior de corpos, vemos sempre pessoas magras, brancas, cis, jovens e sem deficiência nesses ambientes.

19



sum  
ário



pró  
xima



ante  
rior



*Primeiro acho que deveríamos pensar em quais corpos estamos pensando quando nos referimos a corpos não atléticos. O que caracteriza isso? Teoricamente, um corpo atlético é um corpo que pratica algum tipo de atividade, independentemente de seu formato, peso ou sexo. No entanto, sabemos a que tipos de corpos nos referimos, seriam corpos magros e/ou musculosos, ou seja, corpos sem gordura aparente e/ou músculos definidos.*

Drea Costa

### **Conte um pouco sobre a sua oficina ministrada no Seminário Mineiro de Pole Dance.**

Minha oficina tem o objetivo de preparar instrutores a ensinar pole para pessoas gordas de forma acolhedora. Falamos sobre temas importantes como pressão estética e gordofobia e como isso afeta as pessoas diariamente. Também debatemos formas para transformar a visão de que as atividades físicas são uma punição, que têm como único objetivo o emagrecimento. Na oficina mostro também referências de iniciativas importantes, além de referências gordas no pole dance e em outras atividades físicas. Na parte mais prática, vemos dicas de como passar algumas movimentações e adaptações que identifiquei ao longo da minha trajetória. São estratégias que auxiliaram a mim e outras pessoas gordas na prática do pole dance.

### **Quais suas referências como educadora?**

Minha principal referência é a [Roz](#), a primeira pole dancer gorda que vi e que faz um trabalho incrível para garantir a inclusão de pessoas gordas nas atividades físicas, e principalmente no pole dance. Tive a oportunidade de fazer uma aula com ela e foi realmente a realização de um sonho. Meus colegas do Pin Up também são grandes referências, em

20

sum  
ário

pró  
xima

ante  
rior



especial o Vitor Mendes, Carol Martins e Fernanda Figueira. Além disso, minha primeira professora, a Erica Milhomem sempre será uma grande inspiração e referência para mim como instrutora. Fora do ambiente do pole, minhas maiores referências como educadora são: [Ellen Valias](#), que traz a questão do corpo gordo em diversas atividades físicas; [Vanessa Joda](#), que foca principalmente no ensino do yoga para todos os corpos; [Julia Del Bianco](#), que tem um trabalho importante sobre ensino do balé para pessoas gordas.

## para saber mais



Qual é a diferença entre [Pressão Estética e Gordofobia?](#)



[Gordofobia Médica – Como o preconceito na saúde afeta pacientes gordas](#)



[Os corpos gordos merecem ser vividos](#)



[A gordofobia afeta carreira, saúde e felicidade de pessoas gordas](#)



[Tese de Doutorado da Malu Jimenez \(@estudosdocorpogordo\): "lute como uma gorda: gordofobia, resistência e ativismos"](#)

Beleza sem TAMANHO

[Gordofobia é opressão e eu posso provar](#)

[Lista de publicações diversas da Malu Jimenez](#)

21

sumário

próxima

anterior





# **Mercado Criativo: *Empreendendo no Pole Dance***

Debate com Liliane Varanda, Lu Senra e Thomás Martinoia.  
Mediação: Giulia Api.

**22**



**sum  
ário**



**pró  
xima**



**ante  
rior**





Foto: Anna Viu

A segunda roda de conversa do Seminário Mineiro de Pole Dance tocou em um tema que é pouco discutido no meio, o empreendedorismo. Para tanto, participaram da mesa gestores pioneiros no mercado do pole dance, que possuem uma ampla experiência na área: Liliane Varanda, Thomás Martinoia e Lu Senra. A mediação da conversa ficou a cargo de Giulia Api, fundadora da WeGon, blog de pole dance e estúdio localizado na cidade de Cabo Frio (RJ).

A primeira a contar sobre sua vivência foi Liliane Varanda, proprietária do estúdio Metrópole - uma das maiores escolas de pole dance do Brasil, fundada em São Paulo no ano de 2014. Ela elencou três pontos relevantes quando o assunto é crescimento saudável de um negócio: planejamento estratégico, liderança e equipe.

Para Liliane, a elaboração de um plano de negócios que apresente a visão, a missão e os valores da empresa é um passo importante para quem está começando. “Quando você vai crescendo, muitas coisas podem ir se perdendo no meio do caminho, então é preciso ter uma visão clara da sua empresa desde o início. Ao longo dos últimos oito anos eu sempre volto na visão que escolhemos lá no início para saber se estou no rumo certo.”

A sócia-fundadora do Metrópole falou também sobre a importância da liderança, de ter alguém à frente da empresa que possua uma visão do todo. Segundo ela, só assim é possível viabilizar algumas questões que vão sendo apresentadas ao longo da história da empresa. “É preciso ter pelo menos uma mente que esteja vendo o processo do início ao fim.”

23

sum  
ário

pró  
xima

ante  
rior



Nesse sentido, Liliane trouxe uma reflexão sobre a importância de investir na capacitação da equipe, especialmente dos professores. “Um conselho que eu gostaria de dar para quem está à frente dos estúdios: tome a responsabilidade da formação de seus professores para você. Faz parte do seu negócio treinar pessoas, somos escolas. Ainda que seu instrutor vá no futuro dar aula em um estúdio concorrente. É preciso entender que isso faz parte.”

Por último, Liliane destacou a participação da equipe como sendo fundamental para o crescimento de uma escola de pole dance. Ela afirma que envolver as professoras e demais pessoas que trabalham na escola é importante para o processo de expansão do estúdio. “A equipe também precisa querer crescer junto, querer que o negócio funcione. A gente precisa da mão de todo mundo.”

A conversa seguiu com o depoimento de Thomás Martinoia, sócio do Pin Up Pole Studio, hoje uma das maiores escolas do segmento no Brasil. Ele conta que, no início, as três sócias-fundadoras (Carol Martins, Roberta Martins e Fernanda Figueira) faziam tudo sozinhas e que isso impedia o crescimento do Pin Up. A decisão de entrar para a sociedade veio da percepção de que ele poderia contribuir para a organização do negócio e para a ampliação da escola.

*“Nós sempre quisemos ter um espaço grande e bonito, não só para nós mesmos, mas para que as alunas pudessem ter uma experiência agradável. E a gente faz questão de transmitir isso pela internet. Então quando você vê um ambiente agradável e as nossas relações acontecendo de uma forma leve, tudo isso faz parte do serviço que a gente oferece”.*

**Thomás Martinoia**

24

sum  
ário

pró  
xima

ante  
rior





*“No Brasil, a gente tem uma tendência de ser mais impulsivo e colocar o coração no negócio. Isso é legal até certo ponto, mas é importante pesquisar e estudar, fazer o planejamento, uma análise SWOT, levantar todos os custos. Sem isso, a chance de dar errado é muito grande”.*

Lu Senra

25



sum  
ário



pró  
xima



ante  
rior



*“Um conselho que eu gostaria de dar para quem está à frente dos estúdios: tome a responsabilidade da formação de seus professores para você. Faz parte do seu negócio treinar pessoas, somos escolas. Ainda que seu instrutor vá no futuro dar aula em um estúdio concorrente. É preciso entender que isso faz parte”.*

**Liliane Varanda**

Nesse sentido, Thomás destacou outros aspectos do empreendimento que são importantes para a sua continuidade, como a experiência do consumidor. “Nós sempre quisemos ter um espaço grande e bonito, não só para nós mesmos, mas para que as alunas pudessem ter uma experiência agradável. E a gente faz questão de transmitir isso pela internet. Então quando você vê um ambiente agradável e as nossas relações acontecendo de uma forma leve, tudo isso faz parte do serviço que a gente oferece.”

Thomás conta também sobre a estratégia de divulgação do Pin Up nos anúncios feitos em redes sociais e no Google. “A gente sempre reservou uma parte do investimento de publicidade pensando em termos de Brasil, pois sempre tivemos vontade de ter uma marca conhecida em todo o país. As meninas (Carol, Roberta e Fernanda) também sempre viajaram muito. Eu acredito que estar nos eventos também é fundamental para o reconhecimento nacional. É uma excelente estratégia para crescer.”

Dando continuidade ao debate, Lu Senra falou sobre a importância da pesquisa para a saúde da empresa. Lu foi fundadora do Studio A, em Belo Horizonte (2014),

**26**

**sum  
ário**

**pró  
xima**

**ante  
rior**



e do Gira Pole, em Poços de Caldas (2020). “No Brasil, a gente tem uma tendência de ser mais impulsivo e colocar o coração no negócio. Isso é legal até certo ponto, mas é importante pesquisar e estudar, fazer o planejamento, uma análise swot, levantar todos os custos. Sem isso, a chance de dar errado é muito grande.”

Lu Senra também traz um contraponto sobre a temática de crescimento do estúdio. Para ela, existem estúdios pequenos que já são um grande negócio. “Eu vejo estúdios grandes que não deveriam ser grandes. Crescer é bom quando é bem feito, quando é planejado. Se não for dessa forma, pode gerar muito sofrimento para quem está à frente”. Ela

ainda completa: “você também tem que colocar na conta as suas noites de sono, o tempo que você irá sacrificar com sua família, a fisioterapia que você vai gastar para colocar seu corpo em dia. Tudo isso é custo. Falamos pouco sobre isso, mas às vezes é muito mais legal ser pequeno”.

#### ***Mercado Criativo: Empreendendo no Pole Dance***

também trouxe vários relatos de experiência interessantes para quem está à frente de escolas de pole dance. Para assistir ao debate na íntegra, acesse nosso [canal do YouTube](#). Você também pode aprofundar mais sobre o assunto nas próximas páginas, lendo as entrevistas com os participantes da mesa.

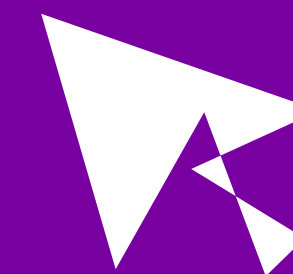


Foto: Anna Viu



27

sum  
ário

pró  
xima

ante  
rior





ENTREVISTA

## Giulia Api

**Conte um pouco sobre a sua experiência com a WeGon.**

A WeGon começou como meu perfil de instagram para pole dance. Por conta de familiares e amigos, eu tinha vergonha de postar minhas fotos de pole dance no meu perfil pessoal. Então criei um só para o pole.

Esse perfil começou a crescer muito e entendi que precisava me posicionar como produtora de conteúdo. Assim criei a marca WeGon, que durante algum tempo também foi a nossa marca de roupas. Com a WeGon viajei para muitos eventos de pole dance fazendo a cobertura dos bastidores, entrevistas com artistas. Assim fomos crescendo no Instagram, Youtube e no nosso antigo blog.

Isso tudo aconteceu muito antes de imaginar que me tornaria instrutora. Hoje, além de divulgar a modalidade e artistas de pole, faço também a produção de conteúdo educativo. Também trabalho vendendo cursos online de pole dance e empreendedorismo.





## Quais dicas você daria para uma pessoa que vai abrir seu próprio estúdio de pole dance?

Várias vezes escutei pessoas dizendo que gostariam de largar os empregos para empreender no pole dance. Mas eu acredito que esse seja um caminho gradativo. Antes de abrir uma escola, é importante conhecer o mercado e ter experiência em sala de aula. Por isso, sugiro que inicialmente a pessoa pesquise bastante, aprenda com outros estúdios e tenha contato com diferentes metodologias de ensino. Esse processo será fundamental para formular o posicionamento do negócio.

Também é importante definir quais são os valores pessoais inegociáveis e como isso irá impactar o estúdio. Por exemplo, um valor inegociável para mim é a liberdade geográfica. Então desde que o WeGon Studio nasceu, eu prezo para que a minha presença fisicamente não seja essencial para o funcionamento do estúdio.

## Quais tendências você apontaria para o mercado do pole dance?

O pole ainda tem muito espaço para crescimento em cidades de pequeno e médio porte, em muitos lugares a modalidade ainda não chegou. Então acredito que a tendência seja a abertura de novas escolas nesses locais.

Existe assim uma oportunidade muito grande para quem quer capacitar professores trabalhando virtualmente.

## Conte um pouco sobre seus aprendizados no mercado digital.

Nós temos que tomar alguns cuidados com o mercado digital. Não basta só colocar o curso no mundo, é preciso pensar em estratégias de divulgação para esse nicho. É importante ter em mente que o retorno não será rápido. É necessário criar autoridade, ser reconhecido como produtor de conteúdo para que as pessoas confiem em você. Mas vale muito a pena, é gratificante chegar até pessoas que, trabalhando apenas presencialmente, eu não teria a oportunidade de conhecer.

*“Antes de abrir uma escola, é importante conhecer o mercado e ter experiência em sala de aula. Por isso, sugiro que inicialmente a pessoa pesquise bastante, aprenda com outros estúdios e tenha contato com diferentes metodologias de ensino. Esse processo será fundamental para formular o posicionamento do negócio.”*

Giulia Api

29

sum  
ário

pró  
xima

ante  
rior





ENTREVISTA

## Thomas Martinoia

### Quais dicas você daria para uma pessoa que vai abrir seu próprio estúdio de pole dance?

A primeira dica que eu daria é: não faça tudo sozinho(a). Geralmente quem vai abrir seu próprio estúdio tem vontade de fazer tudo: dançar, ensinar, atender, administrar. Essa não é uma boa estratégia, nem no início. Mesmo que você tenha várias habilidades, fazer tudo o tempo todo pode custar caro, inclusive para a sua saúde. Comece montando uma equipe com uma professora e um atendimento. Também recomendo que você tenha ao menos um(a) sócio(a) com boa habilidade administrativa e de marketing, caso essas não sejam suas especialidades.

### Quais as principais dificuldades enfrentadas pelo empreendedor de pole dance no Brasil?

Empreender no Brasil é difícil em qualquer nicho. Nossa legislação e cultura não são favoráveis ao empreendedorismo.

30

sum  
ário

pró  
xima

ante  
rior



Quantas vezes você já ouviu: “abra um negócio, é uma excelente oportunidade, você vai se dar bem.”? É mais provável que as pessoas aconselhem você a prestar um concurso, que é o extremo oposto.

Apesar disso, é possível sim fazer um negócio saudável, lucrativo, que oferece um serviço valioso às alunas e empregue outras pessoas. É muita responsabilidade envolvida, mas acredito que isso seja justamente um dos fatores que faz o trabalho de empreender tão gratificante.

Falando especificamente sobre o mercado de pole dance, temos uma peculiaridade que é o fato de trabalharmos com uma arte que é, por natureza, sensual. Por um lado, isso é bom porque as pessoas naturalmente se interessam pela modalidade. Porém, isso dificulta o marketing, tanto offline quanto online. É um desafio produzir material de divulgação que seja interessante e que atravesse o filtro da sociedade e dos algoritmos.

### **Quais tendências você apontaria para o mercado do pole dance?**

Eu sou um entusiasta do online e acredito ele está

transformando tudo que envolve educação, pois potencializa o ensino e facilita o acesso. Percebo que a tendência do ensino à distância também se aplica ao pole dance. A pandemia acelerou esse caminho e fez com que, por exemplo, evoluíssemos a Sessão Pin Up (nosso programa de aulas online) muito rápido.

### **Conte um pouco sobre a sua experiência no mercado digital.**

Estudo o mercado digital desde 2018. Acredito que ele tem um potencial enorme porque realmente funciona. Hoje, é possível aprender praticamente qualquer coisa online com muita qualidade e velocidade, inclusive pole dance.

Desde que percebi esse potencial, venho fazendo cursos online sobre o mercado digital e aplicando os conhecimentos no Pin Up. Hoje em dia, temos dois produtos digitais: a Sessão Pin Up, voltado para alunas, e o Pin Up Experience, voltado para instrutoras ou pessoas que querem se capacitar profissionalmente na área.

Na verdade, o Pin Up Experience foi nosso primeiro produto online e ele começou simplesmente como

31



sum  
ário



próx  
ima



ante  
rior



a gravação do curso presencial. A gente percebeu que as alunas passavam um bom tempo filmando o curso presencial e pensou: “e se a gente entregasse pra elas tudo gravado depois?”. Isso facilitou a vida das alunas e deu a elas um material valioso para consultarem no futuro. Depois, o Pin Up Experience evoluiu para um curso mais organizado e completo. Hoje em dia ele pode ser adquirido nos formatos online ou híbrido (presencial e online).

**Gostaria que você falasse um pouco mais sobre o posicionamento da marca Pin Up no mercado. Quais estratégias para criação de uma marca forte?**

Nosso posicionamento sempre foi intuitivo. O Pin Up começou em 2015 com as meninas e eu entrei em 2016. Nessa época, nenhum de nós sabia absolutamente nada sobre marketing. O que sempre existiu foi a dedicação, o carinho e o cuidado com as alunas. As meninas contam que aprenderam isso com o Julio Peixoto e a Anna Bia e assim passam pra frente.

Esse jeito de trabalhar naturalmente transborda da sala de aula para o atendimento, para as redes sociais e para tudo que a gente faz. Também buscamos valorizar as pessoas que trabalham com a gente e dar oportunidade para eles brilharem. Nossa equipe é a cara da nossa marca e a gente faz questão de mostrar isso o tempo todo.

**Como criar um clima de “pertencimento” por parte das alunas num estúdio grande?**

Um estúdio grande provavelmente já foi um estúdio pequeno. Criar esse clima num estúdio grande é muito difícil, mas se esse clima já existir desde o início, é possível mantê-lo com o crescimento. Isso sempre foi muito natural no Pin Up. São muitas amizades. Alunas, professoras, equipe naturalmente se tornam amigas. Algumas vezes mais que amigas! Saímos junto com as alunas, interagimos nas redes sociais, marcamos programas que não têm a ver com pole, vamos juntos aos eventos de pole. Dentro do Pin Up nasceram muitas amizades e isso continua acontecendo hoje em dia, mesmo com o estúdio muito maior.

32

sum  
ário

pró  
xima

ante  
rior





ENTREVISTA

## Lu Senra

**Quais dicas você daria para uma pessoa que vai abrir seu próprio estúdio de pole dance?**

Acho que existem duas coisas que são importantes. A primeira, é a clareza que transformar um hobby em profissão muda completamente a relação que temos com o pole. “Trabalhar com o que ama” é um lugar extremamente romantizado, que esconde a verdadeira dificuldade que é gerir uma empresa, com todos os seus percalços.

A segunda é a pesquisa. A impulsividade é inimiga do empreendedorismo. Acredito que antes de abrir um estúdio é preciso montar um plano de negócios bem estruturado, que contemple uma análise estratégica dos quatro “P”s do marketing: produto, preço, praça e promoção (Mc Carthy). Também recomendo fazer uma análise SWOT: força, fraqueza, oportunidade e ameaça (Humphrey).



Outra estratégia fundamental é colocar em planilha todos os custos e prever o faturamento em diferentes cenários. Investir em pesquisa e estudo aumenta de forma significativa a possibilidade do negócio decolar!

### **Quais as principais dificuldades enfrentadas pelo empreendedor de pole dance no Brasil?**

Temos dificuldades inerentes ao empreendedorismo no Brasil como, por exemplo, a alta carga tributária, a ausência de crédito para micro e pequenos empresários, além das burocracias nos processos.

No mercado do pole dance ainda temos outros fatores que impactam o negócio: nicho de público reduzido, preconceito em relação à modalidade e barreiras na precificação. Não é fácil explicar para uma aluna em potencial o porquê de sermos mais caros do que outras atividades. Também não trabalhamos com um mercado essencial, então somos uma das primeiras coisas que são cortadas em crises financeiras.

### **Quais tendências você apontaria para o mercado do pole dance?**

Acredito que estamos caminhando para uma modalidade mais “dançante” e democrática. O que é excelente,

pois amplia o público e reduz a exigência do pé direito alto, que encarece os custos com o aluguel do imóvel. Também acredito muito no potencial de estúdios menores, pois eles conseguem entregar um atendimento mais personalizado e, portanto, com mensalidades mais caras e com menores custos com estrutura.

### **Como é criar a cena do pole dance numa cidade interiorana onde não existia a modalidade?**

Confesso que me surpreendi com a abertura do público em Poços de Caldas. Uma cidade média está muito interessada em novas ofertas de produtos e serviços, sem o peso do excesso de concorrência. Aqui os custos são menores e há uma maior projeção da marca. Tudo isso, aliado à minha experiência anterior com o Studio A, facilitou o sucesso do Gira Pole. O processo tem sido muito leve e gostoso. Consigo aplicar aqui uma metodologia de aulas padronizadas que não conseguia em um estúdio maior.

### **Fale um pouco mais sobre vantagens e desvantagens de crescer o próprio estúdio.**

Crescer tem que ser a sua última opção. Quando você já esgotou os seus horários, está com 100% de ocupação e não consegue mais subir o seu preço. Digo isso porque os

321



sum  
ário



próx  
ima



ante  
rior



custos normalmente não compensam. Se você acredita que vai dobrar o seu faturamento com duas unidades, deve pensar também no aumento dos seus custos.

E quando digo custos aqui, falo não só do aluguel, internet, equipe e faxina. É preciso considerar também aqueles invisíveis, como o seu tempo, disposição, esgotamento físico, saúde mental e emocional. Crescer de forma estruturada pode ser sim, bem legal. Mas é preciso pensar, antes, se o crescimento está baseado no ego ou na real necessidade de acompanhar uma demanda. Crescer apenas baseado na vontade de ser grande não se sustenta a longo prazo.

**Existe diferença nas estratégias administrativas de um estúdio na cidade grande e na cidade menor? Tem algo que funciona na capital e não funciona no interior (e vice-versa)?**

Acredito que tudo pode ser testado. Não existe fórmula mágica. O que funciona em Belo Horizonte não é o que funciona em Salvador. Da mesma maneira, o que dá certo aqui em Poços de Caldas às vezes não vai dar em Pirassununga.

Aqui no Gira, somos dedicados em conhecer nossas alunas: sabemos a rotina delas, as preferências, como gostam de ser chamadas. A equipe se reúne de duas a três vezes na semana para planejar as aulas, montar coreografia, conversar sobre casos específicos, aprimorar didáticas e trocar ideias.

No fim das contas, conhecer o mercado e o público, criar uma gestão simplificada e eficiente, seja na capital ou no interior, são os aspectos que farão você despontar.

*“A impulsividade é inimiga do empreendedorismo. Acredito que antes de abrir um estúdio é preciso montar um plano de negócios bem estruturado, que contemple uma análise estratégica dos quatro “P”s do marketing: produto, preço, praça e promoção (McCarthy). Também recomendo fazer uma análise SWOT: força, fraqueza, oportunidade e ameaça (Humphrey).”*

**Lu Senra**

35

sum  
ário

pró  
xima

ante  
rior





ENTREVISTA

## *Lilliane Varanda*

### **Quais dicas você daria para uma pessoa que vai abrir seu próprio estúdio de pole dance?**

Se você vai abrir qualquer tipo de empreendimento, acho fundamental fazer um plano de negócios. É importante que o empreendedor responda de forma organizada que tipo de negócio está criando, o porquê, qual a missão, a visão de futuro. É preciso ter uma visão clara e detalhada da sua criação, especialmente se for em sociedade, pois nesse caso a visão precisa ser compartilhada. Além disso, o plano de negócios fará com que você reflita sobre seu público alvo, analise o mercado, sua região, dentre outros fatores.

### **Quais tendências você apontaria para o mercado do pole dance?**

Acho que o mercado do pole dance ainda apresenta tendência de crescimento, pois é uma modalidade pouco difundida. Pesquisas também

**36**

  
**sum  
ário**

  
**próx  
ima**

  
**ante  
rior**



apontam para um maior interesse da população em atividades voltadas ao bem-estar, saúde e autoestima após a pandemia. Por outro lado, estamos em plena recessão econômica com expectativa de agravamento para 2023. De toda forma, acredito que o interesse pela atividade tende a aumentar.

### **Quais as principais ferramentas de automatização adotadas pelo Metrópole?**

O nosso sistema de gestão de aulas. Aqui temos mais de 100 aulas por semana o que representa uma média de 700 vagas. A recepção não realiza agendamentos de forma manual exceto em aulas introdutórias. O aluno é 100% responsável por agendar e cancelar suas aulas além de acompanhar as listas de espera. De outra forma, não seria possível manter esse fluxo.

As vendas de planos de aulas, na maioria dos casos, também são feitas pela loja online, otimizando o tempo de atendimento. Isso também garante que o aluno tenha acesso a todas as informações importantes por escrito antes de realizar a compra.

### **Gostaria que você falasse um pouco sobre formação de equipe, capacitação e treinamento.**

Para ter uma equipe funcional é preciso ter um líder, um gestor que realmente entenda as necessidades do trabalho, os pontos fortes e fracos do grupo e as habilidades e fraquezas de cada membro. Por mais que você procure profissionais capacitados, com bagagem de conhecimento, é uma obrigação da escola treinar o instrutor dentro da metodologia de ensino da instituição e também ensinar a cultura da organização.

Além disso, é preciso manter uma conversa constante com sua equipe, pois problemas não resolvidos desmotivam o indivíduo e isso impacta o grupo rapidamente. Pode parecer simplista, mas se as pessoas estiverem felizes a aula será sempre melhor.

### **Como manter um bom atendimento num estúdio grande?**

Um desafio enorme! No pole dance o bom atendimento nem sempre é apenas aquele efetivo, muitas vezes as alunas só vão se sentir bem

34



sum  
ário



próx  
ima



ante  
rior



atendidas se a tratarmos com carinho e atenção. Somos uma comunidade muito unida e isso se reflete na expectativa das clientes quando falam conosco.

Acredito que o primeiro passo para manter o bom atendimento é criar o máximo de padrões possíveis, além de usar textos por escrito de regras e informações importantes. É primordial economizar tempo com respostas prontas para que você possa dedicar maior atenção aos casos específicos e tratar todas com carinho e gentileza.

*Para ter uma equipe funcional é preciso ter um líder, um gestor que realmente entenda as necessidades do trabalho, os pontos fortes e fracos do grupo e as habilidades e fraquezas de cada membro. Por mais que você procure profissionais capacitados, com bagagem de conhecimento, é uma obrigação da escola treinar o instrutor dentro da metodologia de ensino da instituição e também ensinar a cultura da organização.*

**Liliane Varanda**

**38**

**sum  
ário**

**próx  
ima**

**ante  
rior**



# Gênero, Sensualidade e Criação: *Caminhos Possíveis*

Debate com Bianca Deleite, Eli Nunes e Wes Marx.

Mediação: Lala Teles.

**39**

  
**sum  
ário**

  
**próx  
ima**

  
**ante  
rior**





Foto: Luiza Palhares

O último debate do 1º Seminário Mineiro de Pole Dance trouxe como tema central: **Gênero, Sensualidade e Criação: Caminhos Possíveis**. Participaram da mesa Bianca Deleite, Eli Nunes e Wes Marx. A mediação da conversa ficou por conta de Lala Teles, cientista social, acróbata e dançarina. Sua pesquisa artística perpassa pelos temas sensualidade, erotismo e performance. Lala também é sócia-fundadora do estúdio La Bunda, em Portugal. Ela iniciou a conversa questionando a mesa sobre as origens do pole dance.

A primeira a comentar esse assunto foi Bianca Deleite, artista e professora de pole e danças, proprietária do estúdio Velvet, em Porto Alegre. Formada em Ciências Sociais, Bianca realizou durante a graduação um trabalho de conclusão de curso que trouxe como tema central o pole dance. Ela explica a origem da modalidade a partir das pioneiras: mulheres strippers que aprenderam a dançar nas casas noturnas. Foram elas que enxergaram a oportunidade de ensinar esse estilo para mais pessoas.

Bianca cita a australiana Paula Vivoda, uma dessas pioneiras, conhecida como Bobbi, que no final dos anos 80 trabalhou numa casa de entretenimento adulto no Japão. Nessa época, Bobbi começou a ensinar pole dance no quarto da sua casa para pessoas interessadas. Quando ela voltou para Sydney, continuou trabalhando

210

sum  
ário

pró  
xima

ante  
rior



como stripper e professora de pole dance. Em 2004, ela e uma sócia inauguraram um estúdio na Austrália, abrindo portas para o pole dance crescer em todo o mundo.

A canadense Fawnia Monday é também uma dessas strippers pioneiras. Ela começou a ensinar pole dance por meio de DVDs. A sua primeira gravação é de 1998 e apresentava técnicas de vários estilos como: *floorwork*, *chair dance* e pole dance.

Para Bianca Deleite, o movimento no Brasil surgiu quase na mesma época. Por aqui, os primeiros estúdios foram inaugurados por volta de 2006. Ela cita como exemplo a dançarina Alexandra Valença, professora da atriz Flávia Alessandra que na novela *Duas Caras* interpretou uma pole dancer. Segundo Bianca Deleite, Alexandra Valença aprendeu pole dance com uma stripper tcheca que estava de passagem pelo Brasil.

Outra pioneira citada por Bianca é Grazy Brugner, que abriu o seu primeiro estúdio de pole dance em 2008 em Curitiba. Grazy teve um importante papel na capacitação de professoras e professores de pole em todo o país. Bianca

também mencionou o nome da argentina Elisângela dos Reis, responsável por formar a maior parte da primeira geração de instrutoras do Brasil, sendo referência na América do Sul.

Apesar da história do pole dance no Brasil e no mundo ter algumas lacunas, Bianca afirma que o pole veio sim das strippers. Foram elas as responsáveis por quebrar as primeiras barreiras dessa dança marginalizada, levando-a para outros espaços.

Para a mediadora Lala Teles, é importante que as pessoas saibam as raízes do pole dance. “É fundamental que a comunidade reconheça o mérito das strippers, combatendo a invisibilização do trabalho dessas mulheres”, pontua Lala.

O debate seguiu com a contribuição do Wes Marx, instrutor e artista de pole dance. Sua pesquisa está relacionada à sensualidade, ao *low flow* e ao pole dançado, com ou sem salto. Ele é professor residente do estúdio Metrópole, em São Paulo, e cofundador do projeto Exotic You.

Wes contou como o pole dance foi importante para que ele pudesse acessar alguns lugares reprimidos durante a

21sumáriopróximaanterior



*“Será que todas as vezes que eu tirar a roupa esse será o enredo? Sempre que eu acessar uma expressividade sensual eu serei colada na imagem da passista?”*

**Eli Nunes**

Foto: Luiza Palhares

12

sumário

próxima

anterior



sua infância e adolescência. Por meio da dança ele pôde abraçar a própria feminilidade e sensualidade, tanto em suas performances quanto em suas aulas. Wes conta que começou pesquisando o exótico russo e depois incorporou outras vertentes. Suas criações se relacionam diretamente à descoberta do feminino e ao questionamento dos papéis de gênero impostos pela sociedade.

A conversa sobre criação e vivência pessoal seguiu com a contribuição de Eli Nunes, homem trans não binário, formado em Dança pela UFMG e colaborador da Academia Transliterária. Sua pesquisa transita pelo teatro negro, pela linguagem drag, pelo cabaré e por várias danças. Lilibertas é sua persona drag, que está presente no Cabaré das Divinas Tetas, grupo de Belo Horizonte.

Eli inicia a sua fala relatando a própria experiência em um grupo artístico, com o qual viajou para vários países representando estilos de dança tipicamente brasileiros. Ele conta que certa vez interpretou uma passista de samba, experiência que lhe trouxe vários atravessamentos: “no exterior eu vivi coisas que eu não imaginava. Foram

situações de hipersexualização e desumanização. As pessoas de outros países consumiram a imagem da “mulata exportação” como um corpo que é feito para transar.”

Sobre essa experiência, Eli completa: ‘na nossa história existiram vários homens que viajaram para fora do país traficando mulheres negras de pele clara para se prostituir no exterior’. Como referência para essa discussão sobre corpo, hipersexualização e violência, Eli Nunes também cita “A Mulata Globeleza: Um Manifesto”, escrito pela filósofa e feminista Djamila Ribeiro.



Foto: Lina Mintz

43

sum  
ário

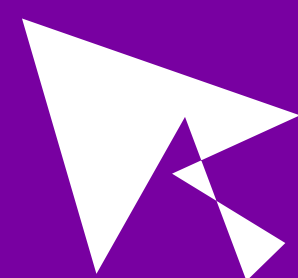
pró  
xima

ante  
rior



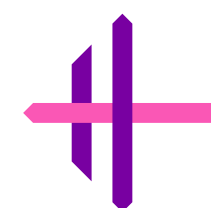
Eli Nunes conta que em vários momentos da vida ouviu das pessoas que deveria se candidatar para o concurso da GLOBELEZA. Na faculdade, ele começou a se questionar “será que todas as vezes que eu tirar a roupa será esse o enredo? Sempre que eu acessar uma expressividade sensual eu serei colado na imagem da passista?” Essas perguntas fizeram com que Eli criasse a performance Refém Solar, trabalho cênico que questionava os lugares da sensualidade e da violência.

A conversa **Gênero, Sensualidade e Criação: Caminhos Possíveis** também rendeu algumas reflexões importantes sobre o termo “exotic dance” e sua carga histórica colonial e racista. Está imperdível! Para assistir ao debate na íntegra, acesse nosso [canal de YouTube](#).



*“É fundamental que a comunidade reconheça o mérito das strippers, combatendo a invisibilização do trabalho dessas mulheres”*

**Lala Teles**



**para saber mais**

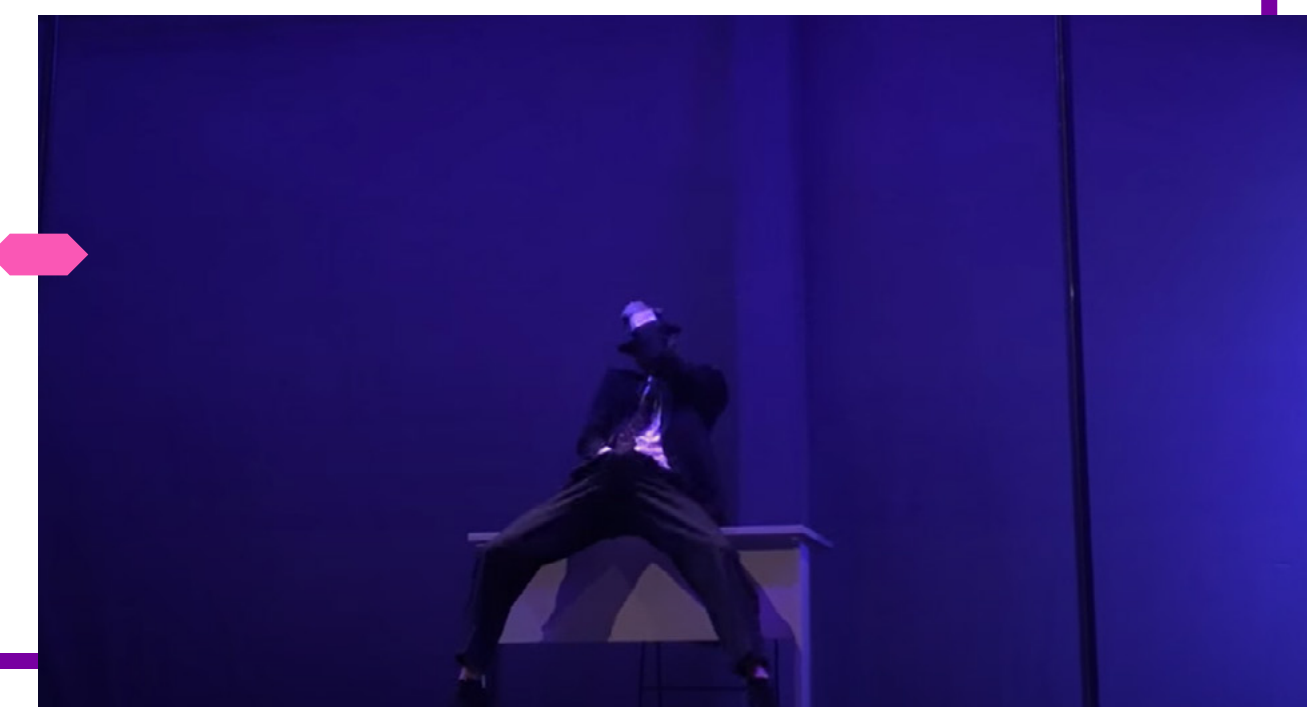
por Lala Teles

Às strippers, com carinho.



Performance Wes Marx Pole Theatre 2019.

Performance Steven Retchless.



2121

sumário

próxima

anterior





ENTREVISTA

## Eli Nunes

### Quais temas atravessam o seu trabalho enquanto artista?

Raça, gênero e expressões de sexualidade são temas importantes para a minha pesquisa enquanto artista. Também investigo meu lugar no mundo e os atravessamentos gerados pela existência de *outras*. As trocas geracionais, espaços educativos e festividades também são áreas de investigação que me cativam.

### Quais as principais referências para o seu trabalho artístico?

Josephine Baker, Willa Querer (MG), Madame Satã, Vera Verão e Nádía Granados.

### Como a sua oficina Drag Cuir, ministrada durante o seminário, está inserida no contexto contemporâneo das artes do corpo?

A oficina Drag Cuir busca proporcionar um espaço de exploração de diferentes energias de movimento



e expressões. Também investigamos possibilidades de montagem e maquiagem voltadas para performances. Ao longo do encontro, eu apresento algumas das principais referências na arte Drag Queer e King no Brasil, propondo a reflexão acerca de energias Cuir e suas reverberações pelo país.

### Como seu trabalho está relacionado ao contexto social e político em que vivemos?

O Brasil é o país com o maior número de pessoas LGBTQIA+ assassinadas no mundo. Dessa forma, performar a dissidência de gênero é estar em constante diálogo com o nosso contexto social. Acredito que meu trabalho artístico valoriza a diversidade, contribuindo para a resistência necessária para enfrentarmos as estruturas do preconceito.

## para saber mais



SOBRE LOJA APOIE PROJETO  
ADESIVOS BIBLIOTECA  
GLOSSÁRIO SAÚDE E SERVIÇOS  
APOIO A ESTUDANTES  
DIREITOS LGBTQIA+ RECURSOS TRANS  
COLETIVOS CALENDÁRIO  
TRABALHE CONOSCO  
TRANS EMPREGOS ARTISTAS  
CONTEÚDO EVENTOS  
Orgulho Não Binário Tumblr Themes

### EUA: Mais de 7.000 americanos já possuem carteiras de identidade não-binária, uma vitória para os direitos não-binário

mídiaqueer.



### Resistência Não Binária



### Apontamentos para uma cartografia: o cuir/queer como território em expansão.

46

sumário

próxima

anterior





ENTREVISTA

## Wes Marx

### Quais temas atravessam o seu trabalho enquanto artista?

Gênero e sexualidade com certeza são duas questões que estão sempre presentes no meu trabalho como performer de pole dance. A cena Kinky, BDSM Gay e toda essa cultura underground nas linhas de fetiche sexuais também me inspira, sobretudo no aspecto visual. Minha vivência como homem gay e minha descoberta de movimento através do pole dance também são grandes fontes de inspiração. Questionamentos sobre o binarismo também estão presentes.

### E enquanto educador? Quais questões se relacionam ao seu trabalho?

Busco abordar um ensino inclusivo. As técnicas de progressão permeiam meu trabalho de diversas formas. Gosto de mostrar um caminho possível





dentro da dança para diferentes pessoas e corpos, com bagagens e objetivos distintos. Um dos meus principais objetivos com as aulas regulares, cursos e intensivos é promover e incentivar a autonomia. Desejo incentivar criações próprias e caminhos que façam sentido pras pessoas que estão ali aprendendo comigo. Entender e buscar percursos possíveis de movimentação, por meio de uma técnica bem definida e progressiva, é essencial para aqueles que buscam construir sua própria trajetória na dança.

### **Como é ser um homem que trabalha uma dança sensual, que performa de salto?**

Tive sorte de iniciar minha caminhada em lugares e espaços muito acolhedores. Estive ao lado de professores e donas de estúdios que sempre incentivaram minha pesquisa com o salto. Também recebi muito apoio da minha mãe e da minha avó. Partindo desse lugar de privilégio, posso dizer que ser um homem que trabalha com dança sensual e faz performances de salto é prazeroso e intenso.

Apesar de saber que existe muito preconceito fora da minha bolha, sinto-me extremamente confortável com o que faço. Quando danço no palco, expondo o resultado da minha pesquisa, estou vivo e inteiro. Então posso dizer que tenho a experiência enquanto homem que trabalha com dança sensual tem sido boa.

### **Como o debate de gênero influencia o seu trabalho?**

Em primeiro lugar, o debate de gênero influencia diretamente a minha vida. O trabalho reforça o meu lugar na sociedade como um homem gay que performa feminilidade através do movimento. Estou sempre atento ao que as manas e monas têm a dizer sobre o assunto. Também tento contribuir de forma ativa pela liberdade, fugindo do binarismo social que muitas vezes aprisiona talentos e pessoas dentro de caixinhas que já não conversam mais com o mundo atual.

48

sum  
ário

próx  
ima

ante  
rior





ENTREVISTA

## *Bianca Deleite*

### **Quais temas atravessam seu trabalho enquanto artista?**

Meu trabalho artístico passa pelos temas da sensualidade em sua forma mais literal, que são as sensações e os sentidos. Também caminho pelo erótico, que é a pulsão de vida e criação, bem como pela pulsão de morte, que me acompanha desde sempre. Gosto de explorar sentidos e movimentos de maneira livre, sendo a improvisação o principal fio condutor da minha criação. Busco criar uma conexão entre o que está fora de mim e o que faz sentido dentro de mim.

### **Quais as principais referências para o seu trabalho artístico?**

A música é uma das principais referências e eu ouço de tudo. Ultimamente estou mais conectada ao industrial e ao rock alternativo,

Foto: João Vitor Martins

49

sum  
ário

pró  
xima

ante  
rior



além de trilhas sonoras. Eu sou uma pessoa que sempre consumiu arte em diversos formatos. Sigo muitos artistas visuais nas redes sociais e isso acaba vindo como referência também.

Meus anos na dança contemporânea e trabalhando como performer fizeram com que eu passasse muito tempo investigando meu corpo, então essas são minhas principais referências de movimentação. Também pesquisei algumas pole dancers do estilo sensual *old school*, como Rhiannon Nichole e Carmine Black. Mas foi engraçado perceber que as movimentações que observava delas já estavam no meu corpo. Assistir aos vídeos era um exercício que funcionava mais como amplificador do movimento do que como repetidor.

**Quais suas impressões sobre as danças eróticas no Brasil? Quais correntes, movimentos e estilos você poderia citar?**

Difícil responder essa pergunta pelo simples fato do Brasil ser um país continental. Mas vou falar sobre o que eu observo e acompanho enquanto artista

e público. O universo do burlesco brasileiro tem muito a mostrar como potência erótica artística. As pessoas que fazem essa cena acontecer são essenciais e quebram todas as expectativas e barreiras do que esperamos que possa ser arte, tanto pela inclusão de corpos e vivências, quanto pela própria linguagem artística.

Comparado ao burlesco, o universo do pole dance é mais “quadrado”, especialmente quando o assunto é sensualidade. Temos diversos festivais acontecendo e isso me deixa feliz e esperançosa. Mas sinto que ainda falta espaço para abraçar os artistas e as propostas eróticas por completo, mostrando trabalhos sem muita censura. Me refiro a um lugar seguro e diverso pra construir esse erótico com o público.

Também acredito que o Brasil seja um dos centros de inovação de linguagem dentro do pole dance. Temos uma potência genial de criatividade e vida. Nós transformamos totalmente o estilo exótico. Ele chegou aqui com as referências russas e virou brasileiro. O Exotic BR é único. O que chamamos de “classique”,

50

sum  
ário

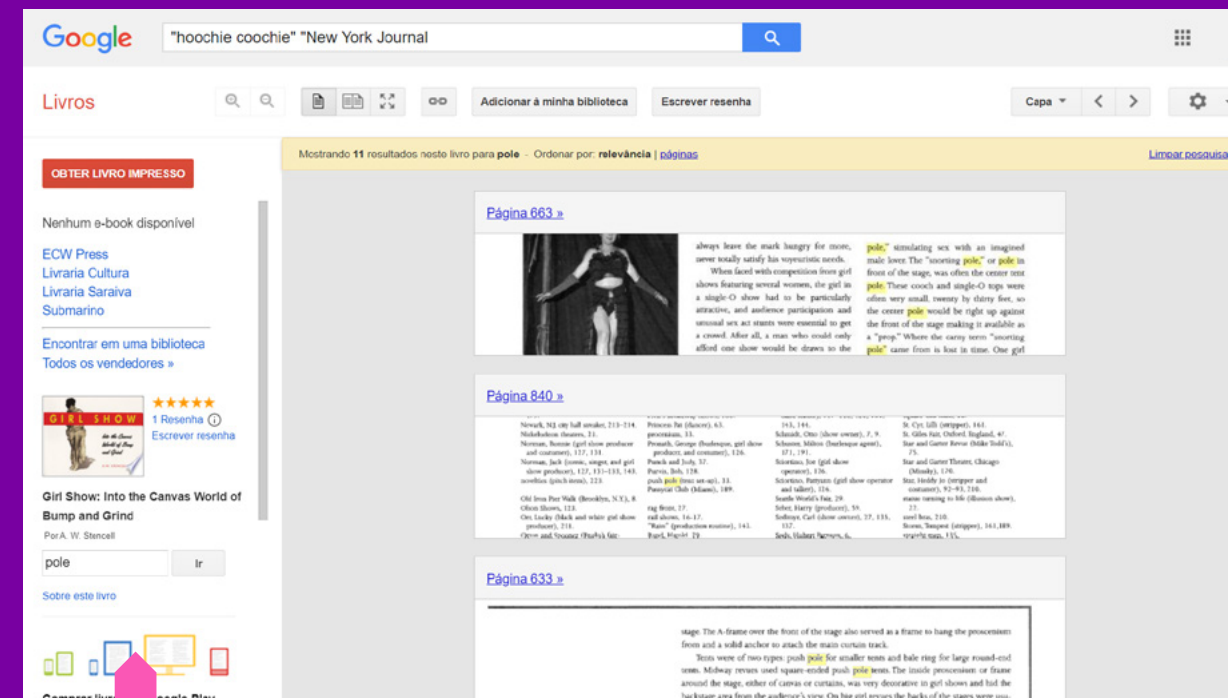
pró  
xima

ante  
rior



que é o pole sensual mais focado em ser sensual mesmo, também possui diversas nuances dentro do país. Cada artista tem um trabalho profundo de identificação e construção do seu pole. Tem a galera que ama o chão e a fluidez, os que gostam de mostrar a flexibilidade e aqueles que se jogam na expressividade. Enfim, tem coisa pra ver!

**para saber mais**



**Girl Show: Into the Canvas World of Bump and Grind**



**Qual é o lugar do burlesco no Brasil**

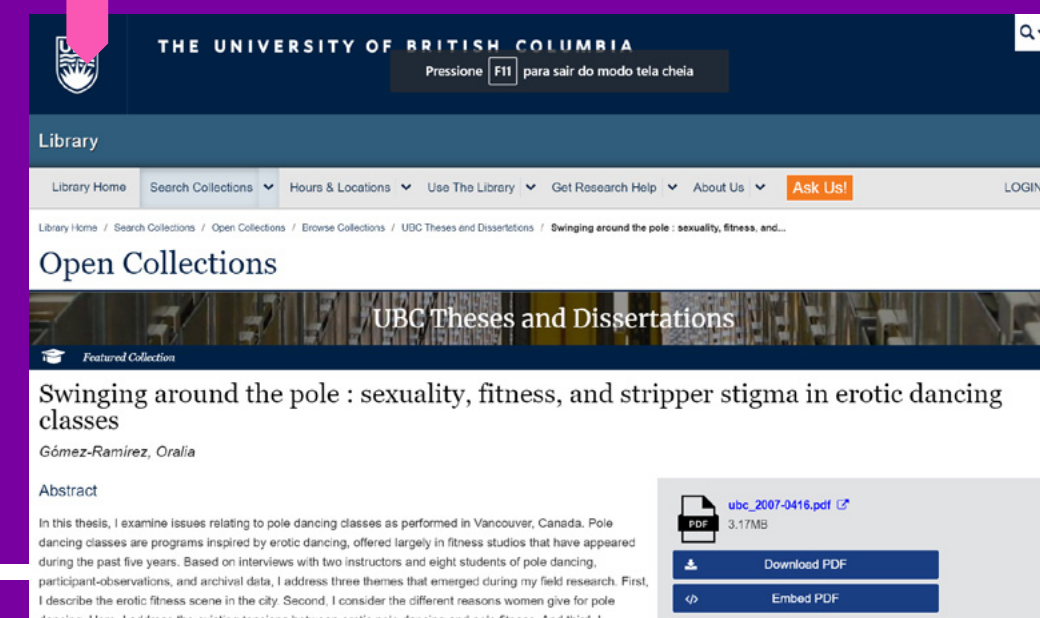


**Chinese Pole and Pole Dance. Similarities and differences.**

**A Burla do Corpo: estratégias e políticas de criação**



**Swinging around the pole: sexuality, fitness, and stripper stigma in erotic dancing classes**



51

sumário

próxima

anterior



**Tecendo mais trocas:  
*pole dance, arte,  
cultura e política.***

52

sum  
ário

pró  
xima

ante  
rior



Como o seu trabalho está relacionado ao contexto social e político que vivemos? Quais caminhos você vê para o futuro do pole brasileiro? Fizemos essas perguntas para algumas das instrutoras que ministraram oficinas durante o Seminário. Confira abaixo algumas dessas reflexões:

Foto: Flávia Cristi



*Vivemos em uma sociedade de consumo que a todo tempo tenta nos vender um corpo específico. É uma estética praticamente inalcançável, impulsionada por produtos midiáticos e até mesmo pelos filtros das redes sociais.*

*Dentro do contexto da dança, também temos um padrão estético: corpos que fazem movimentos longilíneos, pés em curvatura máxima em ponta, joelhos hiperestendidos e aberturas extremas fazem parte do corpo desejado por muitas pessoas do universo do pole dance. Porém, a busca por essa estética traz diversas questões delicadas tanto para quem ensina quanto para quem pratica a modalidade.*

*No meu trabalho, busco investigar novos caminhos para os corpos. Enquanto artista e instrutora, acho importante pesquisar diferentes possibilidades de movimento, encontrando maneiras para traduzir as particularidades e realçar as belezas de cada um.*



**Taís Daher**

53

sum  
ário

pró  
xima

ante  
rior





Foto: Anna Viu

*Ao longo da minha formação enquanto instrutora, tive diversos questionamentos sem resposta. Por se tratar de uma linguagem nova, muito do que aprendemos no pole dance aconteceu de forma empírica. Contudo, acredito que isso é algo que precisa ser mudado na cultura da modalidade.*

*O empirismo é importante no processo de ensino e aprendizagem, pois nossas vivências e experiências contribuem para a consolidação da forma com que ensinamos. Contudo, não podemos trabalhar apenas de forma empírica, é preciso analisar o corpo e entender sua anatomia. Como professoras, também devemos levar em conta fatores físicos, sociais, psicológicos e neurais. Esse cuidado contribui com o processo de aprendizagem e com a prevenção de lesões. Estudar o corpo humano ajuda a compreender todas as diferenças físicas de cada indivíduo, tornando o pole dance mais inclusivo.*



**Stela Novaes**

**REGISTRO DA OFICINA METODOLOGIA DE ENSINO  
PARA POLE DANCE, REALIZADA DURANTE O  
1º SEMINÁRIO MINEIRO DE POLE DANCE.**

521

sum  
ário

pró  
xima

ante  
rior





Foto: Luiza Palhares



*Quando comecei no pole dance, em 2014, fiquei fascinada pelos benefícios da modalidade. Achei incrível como meu corpo se tornou mais forte, flexível e disponível. Também me senti mais bonita, confiante e confortável com minha própria pele.*

*De lá pra cá, minha relação com o pole dance mudou muito. Comecei a estudar teatro e vários outros estilos de dança: contemporânea, matrizes africanas, danças populares e danças de rua. Ao abrir esse leque, pude acessar outros lugares que ainda não havia conhecido apenas com o pole dance. Passei a acreditar cada vez mais na dança como algo que é parte da nossa cultura cotidiana e que nos transforma enquanto indivíduos. Como diria a coreógrafa Dani Lima, no Café Filosófico, “é preciso transformar a dança em algo que realmente te mova. Ela não pode ser mais uma idealização. Você não tem que querer dançar pra ficar linda, com um corpo incrível ou para fazer cinco piruetas. Você tem que dançar porque aquilo ali te provoca uma experiência de prazer e te ajuda a perceber coisas sobre você, sobre seu corpo, sobre o mundo e sobre a sua relação com as pessoas”.*

*A minha inquietação atual caminha no sentido da fala da Dani Lima. Enquanto instrutora de pole dance, venho me questionando sobre como tornar a experiência de sala de aula um campo mais fértil para o autoconhecimento e para a expressão artística. Como proprietária de um estúdio, considero desafiador comunicar para o público a subjetividade da dança, indo além dos benefícios óbvios e padronizados atribuídos à modalidade. Acredito que discutir esses aspectos é fundamental para que o pole dance amadureça culturalmente.*

**Débora Mozelli**









**Projeto**  
**1040/2020**  
CLASSIFICAÇÃO  
INDICATIVA:  
**18 ANOS**

APOIO:

seminário  
**mineiro**  
de pole  
dance



REALIZAÇÃO:

PROJETO REALIZADO PELA  
SOCIEDADE CIVIL COM  
RECURSOS ORIUNDOS DA  
**POLÍTICA DE FOMENTO À  
CULTURA MUNICIPAL**

INCENTIVO:

**LMIC**  
LEI MUNICIPAL DE  
INCENTIVO À CULTURA

**CULTURA**



**PREFEITURA  
BELO HORIZONTE**

TRABALHANDO POR UMA cidade + feliz